

C₆ – CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS GINÁSIOS VOCACIONAIS

VASCONCELOS, José D. T.; TERRAZZAN, Eduardo A.; SIGNORELLI, Vinicius T.; PIERI, Luis G. de e MACCHIA Claudi J. Ia – Alunos do curso de instrumentação para o Ensino de Física do IFUSP

A idéia do nosso trabalho sobre a experiência no Ginásio Vocacional surgiu na primeira palestra do curso de Instrumentação para o Ensino de Física I (1975), quando nas discussões foi abordado o problema do ensino profissionalizante. Notamos que a experiência do Ginásio Vocacional talvez se constituísse numa alternativa humanística para esse tipo de ensino, embora não tivéssemos certeza desse fato.

Pensamos então em fazer um trabalho de levantamento de informações, análise e divulgação da experiência do Ginásio Vocacional.

O ponto de partida foi a compreensão da proposição Filosófico - Pedagógica do Serviço de Ensino Vocacional, órgão autônomo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, extinto em 1969.

A partir daí levantamos todo o processo de implantação de uma Unidade de Ensino Vocacional (Ginásio Vocacional), em uma dada comunidade; desde a caracterização desta comunidade, que visava dar ao conjunto de educadores uma visão global da realidade na qual o processo educativo se desenvolver, até como se dava a seleção dos candidatos e o planejamento do processo educacional como um todo.

A idéia do nosso trabalho sobre a experiência educacional no Ginásio Vocacional surgiu na primeira palestra do Curso de Instrumentação para o Ensino de Física, quando nas discussões foi abordado o problema do ensino profissionalizante. Notamos que a experiência do Ginásio Vocacional tal-

vez constitui'sse uma alternativa humanística para esse tipo de ensino, embora não tivessemos certeza desse fato. Pensamos então em pesquisar e analisar o que foi esta experiência e dependendo dos resultados continuaríamos o projeto com o objetivo de sugerir uma linha de trabalho que seria uma **contraposição** às propostas de ensino existentes hoje no Brasil.

Inicialmente, enfocamos a experiência no ensino de Ciências e Física. Depois, verificamos que no tocante à Física a experiência foi menos intensa, não tendo sido concluída porque o colégio passou a integrar a rede de estabelecimentos de ensino oficial, mudando sua orientação filosófico-pedagógica (os motivos que levaram a esta mudança não serão tratados em nosso trabalho). Sendo assim restringimo-nos ao levantamento de informações, análise e divulgação da experiência do Ginásio Vocacional na área de Ciências.

Para obtenção de dados, realizamos contatos com educadores que vivenciaram a experiência e nesse processo nos foi informado sobre a dificuldade de acesso à documentação.

A partir dos contatos, notamos ser a experiência mais complexa do que imaginávamos e enfrentamos novos problemas, agora a **nível** de compreensão da proposta **filosófico-pedagógica** do Ginásio Vocacional (G.V.).

Para exemplificar, eis algumas das questões que tentamos responder: sabendo-se que todas as atividades dos alunos do G.V. tinham na **área** de Estudos Sociais a sua **linha-mestra**, como era planejado e executado o currículo de Ciências? Existia um programa **mínimo**, independente dos estudos feitos sobre os problemas levantados nas várias atividades que os alunos realizavam? Na tentativa de respondê-las, concluímos que as questões eram incorretas do ponto de vista conceitual. A nossa concepção de currículo - o conjunto de matérias que devem ser ministradas por uma escola durante um ano letivo - não passava de uma distorção do significado amplo da palavra, como veremos adiante.

Nesse momento, nossa proposta teve que ser novamente

reformulada, e passamos, então, a tentar compreender o conteúdo da proposta filosófico-pedagógica do Serviço de Ensino Vocacional (SEV), agora com alguma bibliografia.

O ENSINO VOCACIONAL

Para compreendermos o ensino vocacional e em particular as considerações que aqui faremos sobre esta experiência no setor educacional, é necessário primeiramente alguma ideia a respeito da proposição filosófico-pedagógica deste método de ensino.

"A proposição filosófico-pedagógica do SEV procura responder às necessidades de uma determinada realidade, considerando o homem como vivendo em um determinado contexto social, condicionado pela cultura e situando-se dentro desse contexto com possibilidades de criticá-lo e *transcender seus próprios condicionamentos*.

Nossa condição de educação parte pois, do homem concreto, situado num determinado contexto e é a busca de uma forma original de educação, que situe o homem brasileiro no processo histórico de desenvolvimento"¹.

É dentro desta visão que todo método usado no SEV é desenvolvido, tendo em vista os seguintes "objetivos educacionais": mostrar ao aluno que cada homem pode ser um cientista e que tudo aquilo que aparece realizado pelo homem, num primeiro momento foi descoberta científica (a aplicação da ciência leva à tecnologia).

Surgem daí consequências determinantes para todo o planejamento e concretização deste método. A primeira delas é sobre o processo de seleção em uma unidade de ensino vocacional (ginásio vocacional) numa dada comunidade. Trataremos deste ponto agora.

O processo de seleção em uma unidade de ensino vocacional numa dada comunidade:

Alguns anos depois do início da experiência, verificou-se a necessidade de fazer um estudo sócio-econômico onde o ginásio vocacional estava localizado para, a partir deste

estudo, determinar um método de seleção de candidatos já que os métodos que utilizam unicamente provas de escolaridade favoreciam os candidatos das classes mais privilegiadas.

O objetivo principal desse estudo era, delimitada uma certa área (o Brooklin, por exemplo), estudar todas as principais características sócio-econômicas dessa comunidade e, traçada uma curva sócio-econômica, tentar uma aproximação, o mais precisa possível, entre essa curva e a dos alunos matriculados no ginásio vocacional.

Para obter essa seleção eram usados os seguintes instrumentos:

1. Formulário (curso diurno) para a coleta de dados de identificação, dados sobre o nível sócio-econômico da família e a escolaridade do aluno.
2. Entrevista (curso noturno) para:

- Caracterização do candidato quanto ao nível sócio-econômico, faixa etária, local de residência e situação do emprego, itens aos quais foram atribuídos pontos que, somados aos obtidos nas provas de escolaridade, serviram para a classificação final do candidato; a inclusão desse critério já foi pensada em termos de atenuar possíveis diferenças de escolaridade entre candidatos de níveis sócio-econômicos diversos.

- Caracterização do candidato quanto a aspectos mais pessoais (saúde, relacionamento com familiares e com grupos de idade, lazer, etc), para fins de orientação educacional e planejamento curricular.

3. Provas de escolaridade de Português, Matemática e Estudos Sociais, elaboradas com níveis diferentes (quantitativa e qualitativamente) para os candidatos aos cursos diurnos e noturnos, com a finalidade de avaliar, o mais objetivamente possível, a aprendizagem de conceitos e de conteúdos ao nível de 4º ano primário. Essas provas de escolaridade forneceram subsídios necessários mas não exclusivos para a classificação final do candidato"².

NÍVEL SÓCIO- ECONÔMICO	SELEÇÃO POR PROCESSO TRA- DICIONAL	SELEÇÃO POR PROCESSO REES- TRUTURADO	COMUNIDA- DE ESCOLAR
I	45,0%	18,4%	18,8%
II	48,3%	56,6%	56,6%
III	6,7%	25,0%	24,6%

Um outro ponto fundamental decorrente da posição filosófico-pedagógica do SEV é a interação da escola com a comunidade à qual pertence. Nesse sentido, quando alguma unidade do Ensino Vocacional era implantada em uma cidade, era feita uma análise da comunidade em questão, utilizando dados estatísticos de diversas fontes (IBGE, Prefeitura, Sindicatos, etc.) tentando-se caracterizar então esta comunidade para que se pudesse elaborar uma pesquisa, que seria feita entre as famílias de alunos dos quarto e quinto anos primários.

Esta pesquisa, que não é exatamente um estudo de comunidade, "visava dar ao conjunto de educadores uma visão global da realidade na qual o processo educativo iria se desenvolver".¹ Este estudo ia sendo complementado por outros mais aprofundados, feitos com a clientela escolar dos primeiros anos dos cursos do primeiro ciclo dos ginásios que estavam sendo instalados.

Após dois anos da instalação do ginásio, era iniciada uma pesquisa entre as famílias dos alunos da escola, que eram denominadas "Receptividade de Currículum". Esta pesquisa dava então condições para se avaliar até que ponto as famílias se sentiam participantes do processo de educação, qual a imagem que a escola tinha perante essas famílias e qual a contribuição efetiva que a escola estava dando à comunidade.

Os dados coletados davam condições para fazer uma avaliação do currículo posto em execução e, se necessário, para determinar uma revisão do mesmo, "dando ao planejamento do Currículum uma dinâmica própria intimamente ligada com

as possibilidades da comunidade e das possibilidades de seu desenvolvimento".

Entende-se como currículo o conjunto de experiências, de atividades, de pesquisas propostas pela escola, visando o atendimento dos objetivos e incluindo-se os meios de sua avaliação.

Se voltarmos à proposição filosófico-pedagógico vemos aqui que o currículo tem que ser algo dinâmico que possibilite ao educando vivenciar um processo de educação que se renove a cada momento, atendendo a todas as necessidades decorrentes de uma realidade cultural na qual o educando está inserido.

Para que esse currículo correspondesse às necessidades de uma determinada comunidade, ele era definido levando-se em conta as características psico-pedagógicas e sociais (através dos métodos expostos anteriormente), além de uma avaliação do resíduo de aprendizagem no caso dos alunos ingressantes nas primeiras séries do ginásio vocacional.

As características psico-pedagógicas compreendem as maneiras como os educandos da comunidade em questão percebem, aprendem, compreendem, discriminam generalizam abstragem. E para a caracterização social da clientela são levados em conta seus valores, padrões, expectativas, aspirações, estilo de vida, imagem de sociedade, relacionamento professor-aluno, família e participação.

"Dada, porém, a dinâmica do próprio Curriculum, não se pode admitir a previsão de problemas a longo prazo. Isto o tornaria estático e criaria sérios impedimentos para que a realidade cultural, sempre renovada, se inserisse como conteúdo do processo educativo. O que importa pois, estabelecer, são as linhas mestras através das quais os problemas serão colocados, elas devem revelar uma grande identidade com os objetivos. Desta análise, surgiu nossa definição de "Core-Curriculum"³.

O "Core-Curriculum" era determinado em cada unidade de ensino vocacional, atendendo às necessidades da comunidade na qual estava inserido. Não era uma elaboração está-

tica, pois deveria estar pronto a levar em consideração os novos dados da realidade em constante movimento.

"O Core-Curriculum" é, pois, uma idéia ou um grande conceito que sintetiza a linha essencial dos objetivos na apreensão dessa cultura, que dinamiza todos os recursos do processo educativo e que significa a sequência de problemas dando-lhes a desejada unidade".

"A filosofia traduzida pelo "Core-Curriculum" deverá estar presente em todos os momentos da ação educativa. É preciso, também, que ela vá se tornando cada vez mais consciente, para os educandos. Desde as primeiras experiências, é necessário colocar o educando com condições de se situar. A consciência de participar de um processo com objetivos definidos e reconhecíveis leva o jovem a um estágio superior de consciência. Ele não é manipulado pela educação, passa a elaborar o processo"⁴.

Surge agora uma questão: como é planejado todo o trabalho educacional para que este dê ao educando condições de realmente participar do processo e chegar a atingir os objetivos e propostas estabelecidos no currículo e "Core-Curriculum"?

Para esclarecer a questão citaremos um trecho apresentado na XX Reunião Anual da SBPC.

"O Curriculum organizado integralmente, em função de uma idéia diretriz do processo educativo, o "Core-Curriculum", é desenvolvido no Ginásio Vocacional através de unidades pedagógicas que consistem em questão e problema em torno dos quais se organiza toda experiência educacional do aluno, num determinado período de tempo. Para que se possa atingir o grande conceito definido pelo "Core-Curriculum", os problemas propostos para serem submetidos à análise dos alunos devem ser de real interesse, de grande atualidade e devem ter entre si, uma íntima relação, de modo que cada um deles seja, de certa forma, suscitado pelo anterior e se abra num outro mais amplo. É proposta uma sequência de Unidades Pedagógicas, numa verdadeira linha evolutiva de estimulação do pensamento e da aprendizagem, contendo já, cada

uma delas, a idéia do "Core-Curriculum" e sendo a última, a síntese das anteriores".

A problemática apresentada para o aluno era determinada por todo corpo docente orientado pelos professores de Estudos Sociais e cada professor colocava as questões através de sua disciplina, sendo pois, que Estudos Sociais ocupava a posição de área-núcleo.

A Unidade Pedagógica inclui, então, todas as atividades do aluno no processo educativo; algumas delas são o estudo em grupo, estudo do meio, seminários, sessões de atualidade, etc.

Para que o processo fosse desencadeado, os professores colocavam um problema para a classe, que o discutia e tirava dele uma série de questões e propostas. Posteriormente, eles iriam discutir a "Plataforma de Trabalho" do bimestre para uma determinada classe.

Num primeiro momento, os alunos faziam um arrolamento de questões e propostas. Estas eram discutidas e trabalhadas pelo grupo de professores de todas disciplinas que, junto com os orientadores, direcionavam todo trabalho dos alunos no sentido de se atender aos objetivos e tarefas colocados no currículo e "Core-Curriculum".

Definida a plataforma, por parte dos alunos, cabia ao grupo de professores planejar todas as atividades que o aluno necessitaria para cumprir o que planejou dentro do estabelecido. É o momento de planejar a Unidade Pedagógica, considerando: objetivos a atingir, conceitos a serem elaborados, seleção dos conteúdos das diferentes áreas, técnicas de trabalho, instituições didático-pedagógicas que possibilitem as mais diferentes vivências, formas de avaliação do processo em execução.

No final de cada Unidade Pedagógica, era feita uma síntese do trabalho da classe, que podia ser apresentada de diversas formas: assembléias (com elementos de várias classes), sínteses gráficas sob a supervisão da especialista em recursos audiovisuais, ou ambas.

Mostramos agora um exemplo que tenta aclarar parte do

processo desencadeado numa Unidade Pedagógica:

Relatório de Orientação Pedagógica, junho de 19625

"Tomando por base uma projeção de slides feita pelo professor de Ciências, na qual foram focalizados não apenas aspectos do Ginásio Vocacional sob vários ângulos, mas também aspectos da cidade de Americana, incluindo-se outras escolas, os alunos passaram a discutir sobre aquilo que haviam observado: a escola onde estudam, com o prédio ainda por terminar e com equipamento improvisado, ao lado das demais, já praticamente concluídas; os alunos de sua escola, em número de 81 apenas, contrastando com as demais. Outras duas escolas semelhantes à sua no Estado, apenas...

A partir destas constatações, passaram a solicitar aos professores informações sobre fatos que perceberam desconhecer e para os quais desejavam resposta: Quais as diferenças entre o Ginásio Vocacional e as demais escolas? Porque apenas mais dois Ginásios Vocacionais no Estado de São Paulo? Nossa escola poderá desenvolver sua atividade da mesma maneira que as demais?

Algumas dessas questões foram esclarecidas pelos professores e outras não. Travou-se um diálogo e as perguntas foram agrupadas pelos próprios alunos em categorias. Os professores estimularam uma síntese de tudo que fora discutido. Concluiu-se que as questões propostas faziam parte de um conjunto mais amplo: "O que é o Ginásio Vocacional? Como contribuir para equipá-lo?" É apenas um exemplo para primeira Unidade Pedagógica de primeira série; vários outros poderiam ser dados numa linha evolutiva de 1a. à 4a. série.

AVALIAÇÃO

Para o SEV, "a avaliação, considerada como processo, não pode se confundir com simples instrumento de medida; deve acompanhar todos os momentos do processo educativo, de forma altamente dinâmica. Sendo assim, deverá incidir sobre os objetivos propostos"³.

As etapas dessa avaliação se organizavam na seguinte ordem: avaliação da dinâmica do currículo envolvendo o edu-

cando, a ação do educador e os recursos utilizados; avaliação dos educandos no ajustamento pós-escolar, na medida em que esses dados auxiliavam a análise crítica do currículo desenvolvido; avaliação do índice de receptividade do currículo na comunidade onde o mesmo foi executado; avaliação das relações da ação pedagógica com os resultados do processo educativo.

Não são os educadores estavam envolvidos como agentes do processo de avaliação. O aluno era solicitado a auto-avaliar-se em todas as situações de que viesse a participar. Essa prática era desenvolvida como consequência da própria proposição filosófico-pedagógica do SEV: o educando era ao mesmo tempo objeto e sujeito da ação educativa.

Convém destacar que os educadores propunham a auto-avaliação do educando só a partir do momento em que estivessem conscientes dos objetivos propostos, das técnicas concretizadas na busca dos mesmos na ação cotidiana e do controle sistemático que deveria se operar no desempenho do processo de trabalho.

O TRABALHO EM GRUPO NOS GINÁSIOS VOCACIONAIS

O trabalho em grupo caracteriza todas as situações da vida escolar e constitui a técnica fundamental adotada nos Ginásios Vocacionais.

"Deste modo, se consegue planejar condições para que os três segmentos da estrutura escolar (o grupo de alunos, de professores e de pais), se percebam como participantes do mesmo processo - a escola, a educação, a sociedade e a História - com responsabilidade de atuação crítica e transformadora".

Através do trabalho em grupo, dá-se condições para o jovem de treino de participação social; paralelamente, ele adquire um conhecimento da realidade e forma visão objetiva dos fatos, por meio dos temas propostos na Unidade Pedagógica.

Finalmente, com capacidade de objetivar os fatos que lhe são apresentados e treinando numa participação social

consciente, o jovem pode então assumir seu papel de construtor da História, atuando no seu meio mais próximo.

"Assim, no processo de estudo são caracterizadas situações de estudo dirigido, de estudo supervisionado e livre e de estudo do meio. Os projetos, o acampamento, a Festa da Primavera, são situações que favorecem uma participação social mais espontânea, exigindo porém um nível de organização maior. As instituições didático-pedagógicas como a Cantina, a Cooperativa, o Escritório Contábil, o Banco e o Governo Estudantil, oferecem ao jovem oportunidade de vivência num grupo mais estruturado e onde ele assume um papel social perante a comunidade escolar".

Os grupos de ação comunitária surgem ainda como uma medida de socialização pois "checam" todo o treino de participação já vivido.

Deve-se notar que o adolescente participa ao mesmo tempo de grupos diversos dentro das atividades escolares, assumindo assim várias posições; cada situação vivida favorece seu amadurecimento pessoal social, pois exige do mesmo participação progressivamente mais consciente e responsável.

"É importante que a escola satisfaça a sociabilidade do jovem, fazendo desta fator positivo Se construção. Para isto, é necessário que ele tenha uma visão crítica do mundo, uma visão de si como pessoa e treino de participação. Ele precisa perceber, objetivamente, que é através de sua organização grupal que ele se torna agente de construção".

"A medida que a sociedade brasileira vai definindo seu novo estilo de vida, à base da tecnologia, industrialização e urbanização, vamos percebendo, com intensidade cada vez mais flagrante, a importância de uma reformulação na educação. Reformulação que venha dar aos jovens a consciência social capaz de vitalizar a participação numa sociedade que, por sua própria natureza, pode levá-lo à alienação"⁶.

A formação de grupos no G.V. leva em conta vários critérios, segundo o tipo de grupo que se pretende formar.

Para a formação de equipes de trabalho, o método usado é o sociométrico. No acampamento a formação é mais

informal, espontânea. Encontramos uma estrutura de formação intermediária na situação de grupos para sondagem de interesses e aptidões, onde leva-se em conta a atividade. Já nas situações de constituições didático-pedagógicas, temos um mecanismo bem mais elaborado de participação.

Basicamente, todo grupo utiliza três fases no seu trabalho, respeitando-se porém suas características próprias:

- a) planejamento: Clareza na proposição a ser levada é o fator fundamental, sem o que a formação do próprio grupo está ameaçada. A tarefa do professor nesta fase é criar condições para que o trabalho do grupo seja criativo e se dirija aos objetivos.
- b) execução: Fase em que cada equipe e cada aluno dentro de sua equipe assume a posição que lhe ficou conferida.
- c) avaliação: Nesta fase, usando técnicas diversas, consegue-se fazer com que cada aluno perceba o grupo, seus colegas e finalmente ele próprio dentro do grupo.

O trabalho em grupo é usado inclusive no planejamento, execução, e avaliação das atividades escolares pelos orientadores e professores. Os educadores mantêm um contato permanente entre si e participam conjuntamente da construção da vida escolar.

No contato com a família também é usada a técnica do trabalho em grupo, através de cursos de pais, grupos de estudo, assembléias, ou reuniões com professores; nestes contatos, os pais são levados a participar da vida da escola e se percebem como participantes da educação dos seus filhos, pois descobrem que a educação é um processo permanente e que isto é fundamental numa sociedade em transformação.

CONCLUSÃO:

Considerando a proposta apresentada frente à situação do ensino médio no Brasil, vemos como pontos essenciais para iniciar um processo de solução destes problemas:

1. A rediscussão do conceito de CURRÍCULO, não o encarando simplesmente como uma listagem de matérias, mas sim como

sendo o conjunto de **experiências**, de atividades, de pesquisas propostas pela escola, num processo dinâmico que vise o atendimento dos objetivos e inclua os meios de sua avaliação.

2. Os **currículos** propostos em cada comunidade onde **houyer** uma escola deverão corresponder às reais necessidades desta e, para isso, esses **currículos** devem ser constituídos a partir da **problemática** de cada comunidade, sua condição **sócio-econômica**, considerando seus valores culturais.
3. Em termos **específicos** do ensino de ciências ou de física, consideramos que os projetos que atualmente os educadores têm feito para responder aos atuais problemas do ensino não obterão sucesso se não levarem em consideração o sistema educacional como um todo e uma visão de **currículo** como a colocada acima.

Não será a sofisticação ou mesmo a simplicidade de um projeto isolado de ensino que resolverá os atuais problemas educacionais. Somente a partir de uma nova visão do que é processo educativo (cuja definição nós sugerimos que se dê tendo em vista a proposição **filosófico-pedagógica** do SEV) e através de uma prática coerente com esta visão, os educadores terão condições de formular **alternativas** que tentem solucionar os atuais problemas educacionais brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E CONSULTAS

1. Do artigo da revista **Ciência e Cultura**, vol.22,nº2,1970: *"A Pesquisa da Comunidade como um dos Elementos de Planejamento de Currículum no SEV"*.
2. Mesma revista, artigo: *"Realidade Sócio-Econômica como Fundamentação do Processo de Seleção nos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo"*.
3. Do artigo da revista **Ciência e Cultura**, vol.20,nº2,1968: *"Simpósio sobre Ensino Vocacional"*.
4. Idem.
5. Da tese de doutoramento do Prof. Newton Cesar Balzan.
6. Apostilas do SEV, mimeografado.
Maria da Gloria Pimentel e Aurea C.Sigrist, *"Orientação Educacional"*, 2a. edição.